

NOTA EDITORIAL

JUBILEU DE PRATA DA SOBER

A Sociedade Brasileira de Economia Rural foi fundada em 19 de fevereiro de 1959, quando o grupo idealizador começou a manter contatos com todas as escolas de Economia e Sociologia Rural do País, para formar a primeira Diretoria a qual se instalou em novembro de 1960. A SOBER continua fiel aos objetivos de sua idealização: "Promover o intercâmbio entre os estudiosos dos problemas econômicos e sociais da agricultura, através do estímulo à pesquisa e da promoção de encontros, reuniões e debates de temas centrais do desenvolvimento da agricultura no Brasil." Para comemorar o Jubileu de Prata da SOBER, o seu primeiro presidente, Dr. Erly Dias Brandão, foi convidado a proferir a palestra de abertura do XXII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Em seu pronunciamento, além de destacar as recentes tendências do desenvolvimento tecnológico da agricultura, apresentou um relato histórico detalhado do processo de criação da SOBER, o qual transcrevemos a seguir.

Palestra de Abertura do XXII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural proferida pelo Dr. Erly Dias Brandão

" Introdução

Muito agradecido, Presidente Dr. José Ramalho, pelo generoso e honroso convite para proferir a palestra de abertura do XXII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural.

Muito obrigado, Dr. Eliseu Alves, pela orientação ao me transmitir o recado do Dr. Ramalho, quando deixou o tema ao meu critério, mas acrescentou que deveria dedicar parte do meu tempo aos episódios da fundação da SOBER e seu papel na formulação da política agrícola brasileira.

Avanços e tendências da agricultura norte-americana

Antes de entrar neste tema, sugerido pelo digníssimo Presidente da EMBRAPA, e satisfazer a parte de livre escolha, pensei que ficaria bem recordar, numa assembléia constituída principalmente de economistas agrícolas e sociólogos da agricultura alguns exemplos de fatos e tendências que caracterizam o extraordinário avanço da agricultura norte-americana.¹

Há 200 anos um agricultor nos Estados Unidos mal produzia para alimentar o seu próprio núcleo familiar: na atualidade produz para alimentar esse núcleo e mais ou menos outros 70 consumidores.

¹ Para maior número de exemplos, amplamente discutidos e documentados, os interessados deverão recorrer, principalmente, ao livro: **BATTELLE MEMORIAL INSTITUTE, Columbus. Agriculture 2000: a look at the future.** Columbus, 1983.

Uma hora de trabalho agrícola hoje em dia produz 14 vezes mais do que produzia em 1920.

A definição de "fazenda tamanho familiar" foi modificada para permitir a inclusão de trabalhadores contratados, mas são famílias que ainda controlam a maior parte das empresas agropecuárias naquele país, sejam elas pequenas, médias, ou grandes corporações. Em 1978, aproximadamente 50.000 corporações (88%) eram controladas por famílias.

Entre as tendências identificadas estão as relativas a: o aumento progressivo de área das unidades agrícolas; métodos de administração ainda mais eficientes com a ajuda cada vez maior de computadores; melhores métodos de conservação dos recursos naturais; incremento do uso do crédito agrícola; marcantes mudanças nos métodos de preservação dos alimentos e de sua distribuição e nos métodos de irrigação, mecanização e controle de pragas e doenças.

Essas tendências no seu aspecto geral também se observam no Brasil. Entretanto, creio que há muitos casos específicos, que nos Estados Unidos são, ou serão antes do ano 2.000, práticas diárias do agricultor comum, e não sei quantos deles já foram observados, ou serão, nos próximos 15 anos, na agricultura brasileira. Por exemplo, muitos agricultores passarão a vender omeletes e certas partes das aves em forma semicozida e não mais na forma tradicional; alguns tipos de trator serão governados por computadores, possibilitando ajuste automático da altura e velocidade, para trabalharem em terrenos com diferentes níveis, principalmente nas épocas de colheita.

Estima-se, também, que serão desenvolvidos robôs automáticos, que poderão arar, irrigar e aplicar pesticidas, simultaneamente.

As condições dos campos de culturas serão determinadas por sensores que fornecerão previsões de tempo, possibilitando elementos para que o agricultor possa estabelecer horários adequados de irrigação. Contando com confiáveis horários de irrigação, os fazendeiros certamente poderão obter maior produção por unidade de área. Com esses horários serão diminuídos, se não praticamente eliminados, os riscos de perda de produção causados pelos períodos de seca.

A área-Engenharia Genética-brindará os agricultores com variedades de soja, algodão, batata, sorgo, etc., com maior resistência no tocante a variações de temperatura, carência de chuvas e infestações de pragas e doenças. Além dos convencionais cruzamentos de plantas, a moderna técnica - tecido de cultura - será bastante incrementada, porque ela possibilita produzir, em menor tempo, cultivares resistentes a doenças que através das técnicas convencionais levaria longos anos. E mais, em lugar de selecionar plantas com qualidades desejáveis e cruzá-las com o propósito de produzir outras com qualidades similares, a Engenharia Genética já está permitindo tratar o processo produtivo nos limites de um laboratório, eliminando-se, assim, o natural e relativamente longo ciclo produtivo das plantas.

Certas culturas terão propriedades específicas que lhes permitirão prosperar em terras salinizadas. Outras, graças à revolucionária descoberta brasileira de fixação do nitrogênio atmosférico, certamente seguirão o notável exemplo da soja.

Segundo alguns cientistas, o trigo e a cevada oferecem grande potencial, seja inoculando-se as sementes com a bactéria requerida por essa técnica, seja alterando a estrutura genética das plantas.

Infelizmente, no caso do milho, a cultura mais difundida no Brasil, a fixação do nitrogênio do ar parece não ser economicamente viável neste século. Antes que isso aconteça a ciência terá que brindar-nos com várias descobertas pioneiras, afirmam alguns cientistas do ramo. É que essa planta é uma combinação de 10.000 genes, com a agravante de que um gene controla poucas características.

No campo da Zootecnia, os animais em geral, seguindo os notáveis exemplos das aves e suínos, também crescerão mais rapidamente, serão mais resistentes a doenças, requererão menor quantidade de alimentos por unidade de produção. As vacas produzirão mais leite, as galinhas mais ovos e o gado de corte mais carne. As porcas, vacas e ovelhas - mais crias - e todas com características genéticas mais desejáveis, graças à técnica "transplante de embriões".

A propósito desta técnica que já vem sendo utilizada pelos cientistas da EMBRAPA e possivelmente também de outras instituições - me permito adicionar que:

alguns cientistas estimam que a transferência de embriões juntamente com a inseminação artificial representa um potencial para aumentar em 50% a produção de leite que até há pouco se conseguia utilizando-se apenas a inseminação artificial; mas o processo é

complexo e dispendioso porque envolve muitas inovadoras fases;

- de acordo com a experiência americana, 10 ou mais embriões retirados de uma única vaca de superior pedigree podem ser transferidas ou implantados em vacas comuns; e
- outras possíveis vantagens, que resultaram dessa técnica extraordinária incluem: testes de progênese de fêmeas, fácil transporte de material genético a longas distâncias, identificação dos sexos dos embriões, melhoramento nos sistemas de controle das doenças contagiosas e a possibilidade de preservar os genes por longos anos.

A Biologia Geral já conseguiu desenvolver vacinas para animais que podem protegê-los contra pelo menos 14 diferentes doenças com uma única injeção. E é possível que no futuro os antígenos das vacinas servirão para induzir a reação e criação de até 50 anticorpos diferentes.

No campo ultra especializado da — Biologia Molecular — tem-se desenvolvido, em condições de laboratório nos últimos 10 anos, várias técnicas que talvez venham superar todas aquelas que se derivaram dos pioneiros princípios descobertos pelo engenho e arte de Gregorio Mendel² no século passado. Ditas técnicas estão sendo usadas, tanto em plantas, como em animais e determinados microorganismos.

Prezados senhores e senhoras: Bem sei que esta pálida amostra de conquistas tecnológicas e tendências da agricultura mais avançada do globo terrestre não deve ter-lhes adicionado informações novas, mas tenho por mim que algumas são tão fascinantes que por certo me perdoarão pela ousadia de havê-las recordado a esta culta assembléia.

Episódios da Fundação da SOBER

Falar das primeiras iniciativas para criar a SOBER, naturalmente me produz certo constrangimento dada a minha associação direta com a sua origem.

Felizmente, deu-me o Criador temperança bastante para julgar a mim próprio e não me faltam consciência e noções exatas para estimar, sem falsa modéstia, até onde me poderão levar as minhas naturais forças.

O Presidente Franklin Delano Roosevelt, em solenidade de certo modo semelhante a esta, disse que "o valor da verdade e da sinceridade é sempre mais forte que o valor da mentira e do cinismo. Até agora não se inventou procedimento algum, que possa separar os homens dos seus corações e de suas consciências, ou impedir-lhes de ver os resultados de suas próprias idéias à medida que o tempo passa".

Falar dos episódios da fundação de nossa sociedade não requer maior sacrifício porque — primeiro, os fatos essenciais dessa fase histórica já foram publicados; segundo, porque o Dr. Edson Potsch Magalhães está presente e sei que se me faltarem pormenores importantes, ele, que sempre dedicou o melhor de seus esforços em benefício da nobre causa, por certo me socorrerá.

A primeira vez que me veio a idéia de fundarmos no Brasil uma Sociedade Brasileira de Economistas Rurais foi num intervalo das reuniões da III Conferência Internacional de Economistas Agrícolas, que se realizou nos Estados Unidos, no período de 15/22 de agosto de 1952. Embora isto se tenha passado há 32 anos, recordo-me bem que ao chegar a East Lansing, entrando no Hall do Centro Kellog, lá encontrei, aliás pela primeira vez, o Professor Érico da Rocha Nobre — e pouco mais tarde deu-se o agradável encontro com o Dr. Ruy Miller Paiva.

² João Gregorio Mendel, religioso e notável botânico austríaco (1822-1884). Realizou experiências sobre a hibridação das plantas e a hereditariedade nos vegetais e fixou leis que têm o seu nome. Em: MENDEL, J. G. *Dicionário prático ilustrado*. Porto, Lello & Irmão, 1959.

Infelizmente, passaram-se os anos de 53 e 54 e nada foi feito não obstante minha permanente preocupação de encontrar saída para o assunto. Acredito que algo semelhante aconteceu com os colegas citados, mas todos lutávamos naquela época com tremendas dificuldades de comunicação, e no caso de Viçosa havia também as dificuldades financeiras, pois era comum seus professores e demais funcionários passarem 5, 6, 9 e até 11 meses sem receber seus ordenados.

As dificuldades de comunicação perduraram pelo menos até duas décadas depois, conforme nos revela Teixeira Filho em excelente trabalho apresentado na X Reunião da SOBER: "A falta de comunicação entre nossas instituições e, automaticamente, entre seus técnicos, representa uma das forças que tornam difícil a análise que o tópico merece".³

Em 1955 o Dr. Potsch e eu fomos à IX Reunião da Associação Internacional realizada em Helsinki, Finlândia. Em 1958 os Drs. Ruy, Potsch, José Paulo e eu participamos da XI Reunião da mesma Sociedade, desta vez realizada na cidade de Misore, Índia.

Nestas duas oportunidades eu fiquei como Representante e Correspondente do Brasil ante o Conselho dessa associação. Aliás, exerci essas funções durante muitos anos. Graças a elas passei a conhecer muitas pessoas importantes, fora do âmbito modesto de Viçosa, quando a duras penas saía angariando recursos para poder enviar brasileiros às Reuniões da Sociedade Internacional.

E foi assim que numa viagem ao Rio de Janeiro, em fins de novembro de 58, me avistei com William Gorton e logrei convencê-lo para, juntos, irmos conversar com os altos dirigentes do Escritório Técnico da Agricultura (ETA), aos quais solicitamos e conseguimos recursos para realizar uma reunião com alguns interessados em Economia Rural.

Após a aprovação de Alberto Martins Torres e Robert Tyson, Co-Diretores daquele Escritório, redigi a carta (aqui tenho um exemplar para quem tiver a curiosidade de vê-la), que William Gorton com ajuda de Victor Pellegrini, enviou a: Edson Potsch Magalhães, Érico da Rocha Nobre, Erly Dias Brandão, George Barr, Lynn Robertson, Mario Rocha, O. J. Thomazini Ettore, Paulo Tholazan Dias da Costa, Romulo Cavina, Rubens Costa e Ruy Miller Paiva. Nessa carta-convite, além de uma referência ao nosso encontro (Gorton/Brandão) informa-se que os convidados seriam indenizados de suas despesas, indica-se o desejo de se fundar uma Sociedade Brasileira de Economistas Rurais, menciona-se o lugar e data da reunião, etc.

Uma vez reunidos na Universidade Nacional Rural do Km 47, o comitê que coordenou os trabalhos explicou os motivos pelos quais ali nos encontrávamos. As idéias apresentadas foram discutidas com entusiasmo por todos os participantes e, talvez por ser o mais falante, fui eleito para o posto único de Secretário Executivo, com a missão de preparar os Estatutos e tomar as providências necessárias para que, oportunamente, se constituísse, em definitivo, a Sociedade Brasileira de Economistas Rurais. Como não houve Anais nem ata dessa reunião, a carta em referência constitui valioso documento que integra a história da SOBER.

Investido das responsabilidades que me confiaram os nobres colegas, prometi que mesmo antes do fim de 1959 deveríamos realizar outra reunião. Infelizmente, porém, conquanto já houvesse adquirido certa experiência na árdua luta de levantar recursos, o fato é que bati em muitas portas, em Viçosa, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo — e estas definitivamente não se abriram para os fins colimados. É que a Economia Rural, se nos Estados Unidos e nos mais adiantados países da Europa já havia conquistado prestígio, no Brasil era um campo de conhecimentos praticamente desconhecido. Comprovam esta assertiva as citações de Érico da Rocha Nobre, Raul Lima, Ruy Miller Paiva, Antônio Rodrigues Coutinho e D. Wood Thomas, que encontrei nos Anais da II e III Reuniões.

³ TEIXEIRA FILHO, A. R. Análise e avaliação das pesquisas em administração rural e economia da produção no Brasil. In: R. Econ. rural, São Paulo, 5(5):13-36, jul. 1974.

Érico da Rocha Nobre:

“O professor Érico, depois de elogiar o que se passava na Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura de São Paulo e no Departamento de Economia Rural de Viçosa, conta que há quase 28 anos vinha lutando desesperadamente na “Luiz de Queiroz no sentido de que se desse o devido destaque à parte de Economia Rural **sem havê-lo conseguido**. Em seguida, cita dois outros insucessos: primeiro, quando sua escola passou por uma reorganização didática, elevando o curso de 4 para 5 anos e introduzindo áreas diversificadas, ele se bateu para que a Economia Rural fosse uma delas. “A Luiz de Queiroz, porém, adotou quatro orientações diversificadas: Fitotecnia, Zootecnia, Tecnologia de Indústrias Agrícolas e Engenharia Rural e achou que a parte Economia Rural ainda deveria ficar para mais adiante; segundo – integrante de uma comissão para apresentar ao Governador um programa para reestruturação da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, ele e seus pares insistiram “na inclusão da cadeira de Economia Agrária no currículo da citada Faculdade. Infelizmente, esse projeto de reestruturação foi dormir seu sono remansoso e remansado em alguma gaveta por lá, e a coisa não foi para a frente”.

Raul Lima:

“Para os cursos de Economia das Faculdades de Ciências Econômicas a Economia Rural é, talvez, um detalhe apenas. Por outro lado, nas Escolas de Agronomia e Veterinária, ela não pode ser senão também um detalhe, **resultando, daí, a falta de preparação de especialistas nesse campo**”;

Ruy Miller Paiva:

“O professor Érico apontou para o fato de que não obstante os seus vinte e oito anos de luta ele não teve forças para fazer com que Economia Rural fosse incluída como um dos itens de especialidade. Pois bem, eu, então, acrescentaria ao que ele disse o seguinte: não obstante todo o esforço que nós vimos fazendo em São Paulo, há quase vinte anos, em pesquisas de Economia Rural ... nós também não proporcionamos ou não conseguimos criar uma atmosfera, um ambiente que permitisse ao professor da Escola de Piracicaba fazer-se compreendido no sentido de que a Economia Rural é um campo importante. A falta não foi dele só, foi nossa também, não obstante todo o esforço que estamos fazendo”;

Antônio Rodrigues Coutinho:

“No Brasil temos 6 Escolas Federais de Agricultura – a da Amazônia, a do Ceará, a do Nordeste, a Agricultura e Veterinária do Paraná, a Nacional e Eliseu Maciel; 5 Estaduais – Pernambuco, Bahia, Luiz de Queiroz, Agricultura e Veterinária de Porto Alegre e Viçosa; e 1 particular – Lavras. Nessas escolas apenas as disciplinas de Economia, Legislação e Contabilidade são comuns a todas; Administração Rural, apenas na de Viçosa; e a de Sociologia em duas – Viçosa e Lavras. Como no “currículo” dessas escolas a cadeira de Economia Rural é, de maneira geral, deficiente, resta, ao Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, a oportunidade de aperfeiçoar seus técnicos por ocasião de curso de aperfeiçoamento de Agrônomos em Agrônomos Economistas”;

D. Wood Thomas:

“Precisamos reconhecer que não existem no País muitas pessoas – professores, pesquisadores, etc. – bem treinadas em Economia Rural. São os recursos limitados de pessoal. Vou relatar um episódio que ilustra o fato. Em uma das reuniões do pessoal docente do nosso departamento, lá na Universidade de Purdue, havia cerca de 50 economistas, entre eles o Pro-

fessor Erly — que nessa ocasião estava estagiando conosco — o qual se mostrava muito pensativo, ao extremo. Terminada a reunião, perguntei-lhe: qual é o problema, Erly? Respondeu-me ele: não se trata de problemas. Apenas estava pensando que dentro daquela sala havia mais economistas rurais do que em todo o Brasil. Essa declaração me impressionou muito, pois que, naquela época isso era simplesmente uma verdade”.

Esse diálogo se deu em junho ou julho de 1960, ou seja, aproximadamente um ano e meio depois da fundação da SOBER. Em outubro desse mesmo ano (1960) o Dr. Thomas se reuniu ao nosso grupo de Viçosa para colaborar conosco no primeiro curso de Economia Rural, ao nível de Mestrado, realizado no Brasil.

Não obstante as frustrações às quais me referi há pouco, conseqüência natural dos fatos recém contados, o certo é que o compromisso assumido com os colegas que me elegeram Secretário Executivo, na Reunião do Km 47, não poderia falhar. Assim, renovando energias, empreendi nova viagem à Cidade Maravilhosa — e como resultado de benfazeja visita à Confederação Nacional de Indústrias, novamente ao Escritório Técnico de Agricultura, ao Ministério da Agricultura e à Fundação Getúlio Vargas, consegui os recursos que tornaram possível a II Reunião, a qual se realizou no Auditório da citada Federação (algumas sessões em salas da Fundação Getúlio Vargas, inclusive aquela na qual foi redigida a ata de formação da SOBER, seguida das assinaturas dos participantes, que se transformaram nos legítimos fundadores), no período de 22 a 24 de novembro de 1960. Nessa ocasião, os Estatutos foram aprovados, apresentaram-se conferências excelentes, importantes debates, e elegeu-se a primeira Diretoria, que ficou assim constituída: Erly Dias Brandão, Presidente; Ruy Miller Paiva, Vice-Presidente; Edson Potsch Magalhães, 1.^o Secretário Tesoureiro; e Rubens Araújo Dias, 2.^o Secretário Tesoureiro.

Caríssimos colegas: Esses são os episódios da fundação da SOBER, que a minha memória, ajudada pelo que está registrado nos Anais das primeiras reuniões, me possibilitou recordar neste período de tempo que me foi concedido.

E por falar em Anais, permito-me afirmar que os dois primeiros são relativamente pobres, graficamente, mas bastante ricos em conteúdo. Vários trabalhos, comunicações, relatórios, debates e recomendações registrados nesses dois primeiros volumes (e talvez também no terceiro) deveriam, na minha opinião, ser sintetizados e distribuídos entre os atuais associados, bem como a um número selecionado de pessoas, que se interessam pela Economia Rural. Como incentivo nessa direção lembro que nesse belo esforço há muitas lições do grande pioneiro Ruy Miller Paiva e de muitos outros que também apresentaram idéias e experiências pioneiras.

No que se refere à influência da SOBER na formulação da política agrícola brasileira, os conceitos que irei emitir serão naturalmente limitados pela complexidade do assunto e a necessidade de mais informações e maior tempo para a análise e reflexão.

Apesar dessas limitações, creio poder indicar alguns pontos que comprovam que a SOBER vem exercendo apreciável influência no estabelecimento de medidas de política agrícola, benéficas ao desenvolvimento da agricultura brasileira, bem como ao desenvolvimento do Brasil, em geral.

Quem se dispuser a identificar onde se encontram ou por onde passaram os sócios da SOBER facilmente descobrirá que dezenas deles ocuparam cargos ou se encontram em postos-chaves de assessoria a Ministros e Secretários de Estado, congressistas, banqueiros, etc.; dezenas deles dirigiram ou dirigem estabelecimentos ou empresas de ensino, de pesquisa ou de extensão; dezenas deles administram ou administraram departamentos ou órgãos de natureza variada — todos com objetivos altamente significativos para o desenvolvimento do setor agropecuário brasileiro.

Esses competentes profissionais, em maior ou menor número de oportunidades, discutiram, opinaram, assumiram atitudes, emitiram pareceres ou recomendações, etc, ou continuam fazendo tudo isso de tal modo que, quando menos se esperava, transformaram-se ou se transformam em políticas agrícolas, importantes para o desenvolvimento da nossa agricultura.

Por outro lado, quem se dispuser a realizar uma revisão de literatura sobre o tema em referência, ou com ele relacionado, encontrará excelentes trabalhos que inspiram e/ou continuam inspirando a implantação de políticas que beneficiam o setor que nos preocupa.

Também entendo que alguns ilustres economistas rurais, figuras exponenciais da nossa associação, elaboraram, não faz muito, um valioso documento que em boa medida contribuiu para que nossos governantes atribuíssem prioridade à agricultura, nesta fase difícil por que o Brasil atravessa.

- Autoridades presentes ou representadas !
- Convidados especiais !
- Representantes da imprensa !
- Demais presentes que não são membros da SOBER !

Interpreto a presença de todos os senhores, senhoras e senhoritas nesta solenidade como evidente demonstração de apoio a uma sociedade que há 25 anos vem prestando relevante contribuição ao desenvolvimento do Brasil, em geral, e de sua Agricultura, em especial, através de seus competentes associados.

Vieram homenagear uma casa que à época de sua fundação contava com menos de uma dúzia de profissionais da Economia. No dia de sua constituição formal esse número se elevou a umas poucas dezenas.

Graças às Diretorias que me sucederam — cujos Presidentes demonstraram extraordinária capacidade de liderança, de estimular inovações, e de vencer obstáculos, a SOBER possui, atualmente, mais de um milhão de associados.

Conta Humberto de Campos que um homem carregava uma pesada cruz caminhando por uma estrada íngreme e pedregosa. Depois de caminhar um bom trecho do caminho, sentia-se cansado e seus joelhos dobraram sob o peso daquele grande lenho. Mas, reunindo todas as suas forças, conseguiu por-se de pé e reencetar a sua marcha. Várias vezes seus joelhos se dobraram e ele parecia estar vencido. Os que assistiam a essa cena aconselhavam o viandante a cortar um pedaço da cruz, aliviando o peso de sua carga. Mas, não deu ouvidos a ninguém, pois seu objetivo era chegar ao fim da encosta e plantar no cimo aquele símbolo da fé. Quando esse viandante chegara próximo de sua meta, encontrara em sua frente um profundo abismo e verificara, então, que o tamanho da cruz que carregava era a medida exata daquela vala profunda, e que ela servia-lhe de ponte por sobre o abismo. Constatara, ainda, que se tivesse cortado um pedaço dessa cruz não conseguiria alcançar o seu objetivo.

Seleto Auditório !

Nesta festa de gala em que comemoramos um merecido Jubileu de Prata, saudemos, com profundo respeito, aqueles que — com tenacidade, amor e determinação similares às do viajante de que nos fala o imortal escritor, colocaram bem alto o nome da Sociedade Brasileira de Economia Rural.

Saudemos, assim, Rubens Dias, Victor Pellegrini, Pérsio Junqueira, Fernando Rocha, Hélio Tollini, Teotônio Teixeira, Eliseu Alves, Reinhold Stephanes, José Ramalho.

Como disse Carlos Ibagúren:

“Os símbolos guardam, como os velhos cantares, a virtude de evocar o passado. Esta cerimônia me traz o eco matinal e sonoro de horas distantes e infunde em meu espírito a inefável emoção das recordações”.

Que a Divina Providência continue iluminando o caminho de nossa querida SOBER.“